

OKTOBERFEST: DO CASAMENTO REAL À GRANDE FESTA DA REMEMORAÇÃO DA CULTURA ALEMÃ

OKTOBERFEST: FROM THE ROYAL WEDDING TO THE GREAT CELEBRATION OF GERMAN CULTURE

Douglas Márcio Kaiser¹
Claudia Schemes²
Denise Blanco Sant Anna³

Resumo: A *Oktoberfest* é uma comemoração que se originou de um casamento real, ocorrido em Munique, em 1810, e realizada até os dias atuais. A festa inspirou a realização de eventos semelhantes em diferentes países, inclusive o Brasil. Aqui surgiu no início do século XX, ganhando intensidade em meados da década de 1980, pela combinação de fatores como a comemoração da cultura alemã, intenção de fomento ao turismo, reunião e encontro de pessoas, e trocas culturais. A realização de festas em formato de *Oktoberfest* proporciona o desenvolvimento de identidades, tanto individuais e coletivas, bem como a comemoração e a criação de novas memórias. Com essas premissas, este artigo propõe a apresentação de um panorama de festas com temática inspirada na *Oktoberfest* de Munique, e a realização em diferentes momentos e locais, no Brasil.

Palavras-chave: Festa. Identidade. Memória. *Oktoberfest*. Comemoração.

Abstract: *Oktoberfest* is a celebration that originated from a royal wedding, which took place in Munich in 1810, and continues to this day. The party inspired the holding of similar events in different countries, including Brazil. It emerged at the beginning of the 20th century, gaining intensity in the mid-1980s, due to a combination of factors such as the remembrance of German culture, the intention to promote tourism, meeting and gathering of people, and cultural exchanges. Holding parties in the *Oktoberfest* format provides the development of identities, both individual and collective, as well as remembrance and the creation of new memories. With these premises, this article proposes the presentation of an overview of parties with a theme inspired by the *Oktoberfest* in Munich, and held at different times and locations in Brazil.

Keywords: Party. Identity. Memory. *Oktoberfest*. Remembrance.

1 INTRODUÇÃO

A *Oktoberfest* surgiu em 1810 na cidade de Munique, na época pertencente à Baviera (atualmente Alemanha), e foi a celebração do casamento entre o príncipe Ludwig I e a princesa Therese de Sachsen – Hildburghausen. Desde então, é celebrada na cidade, e inspirou a criação de eventos similares em diferentes países do mundo, incluindo o Brasil, onde as primeiras festas neste formato ocorreram no início do século XX e ganharam intensidade em meados da década de 1980. Diversos fatores favoreceram a inclusão desse tipo de festividade no Brasil,

¹ Doutorando e Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo, RS. E-mail: douglas.mkaiser@gmail.com.

² Doutora em História; professora do PPG Processos e Manifestações Culturais pela Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo, RS. E-mail: claudias@feevale.br

³ Doutora em Processos e Manifestações Culturais, professora do PPG Processos e Manifestações Culturais pela Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo, RS. E-mail: denise@feevale.br

sendo um deles a imigração alemã, que teve seu marco com a chegada dos primeiros imigrantes em 1824, na cidade gaúcha de São Leopoldo. A região Sul do Brasil, composta pelos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, recebeu contingentes consideráveis de imigrantes de origem alemã durante décadas. Outros fatores que incentivaram a realização de festas similares à *Oktoberfest* de Munique foram a rememoração da cultura alemã em terras brasileiras; a intenção de fomentar o turismo - e para tanto a temática da cultura alemã serviu como diferencial; a união de pessoas (associativismo); a identidade coletiva em torno de um imaginário comum (imigração alemã) e as trocas culturais.

As cidades brasileiras onde ocorrem as maiores festas, em termos de presença de público e investimentos, no formato *Oktoberfest*, desde a década de 1980, são Blumenau, no Estado de Santa Catarina; Santa Cruz do Sul e Igrejinha, no Rio Grande do Sul, mas cidades menores igualmente promovem eventos em formato semelhante, inclusive fora do eixo das cidades da região Sul do Brasil.

Festas são, em essência, momentos de convívio, de trocas culturais, de fortalecimento e relacionamento entre pessoas, de inter-relação de identidades (individuais e coletivas), de memórias e rememorações. Por envolverem temas tão distintos e, ao mesmo tempo, interrelacionados, possibilitam diferentes abordagens e oportunidades de pesquisas e estudos, em áreas igualmente diversificadas, tais como história, patrimônio, geografia, administração, turismo, dentre outras.

Assim, o objetivo central deste artigo é conceituar festas no formato *Oktoberfest*, desde a realização do casamento real, em Munique (1810), que deu origem ao evento, até a realização de festas semelhantes em outros locais, como no Brasil, nos dias atuais. Pretende-se traçar um panorama histórico da *Oktoberfest* original e dos eventos derivados, intercalando com análises relacionadas aos conceitos de cultura, memória, rememoração e identidade.

Os objetivos específicos deste estudo serão conceituar festa e cultura; apresentar a história da *Oktoberfest* no mundo e no Brasil; relacionar a construção das identidades com a festa.

A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica e documental, de caráter qualitativa. A primeira abordagem tratará da festa como uma manifestação cultural, apresentada a seguir.

2 A FESTA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Estudar e analisar eventos no formato *Oktoberfest* requerem pesquisas sobre cultura, dada a abrangência do conceito, sua interdisciplinaridade e interlocução com outros

elementos. Um dos conceitos apresentado por Laraia (2001) diz que, no século XVIII, o termo germânico *kultur* simbolizava todos os aspectos espirituais de uma comunidade; enquanto o termo francês *civilization* simbolizava as realizações materiais de um povo. Esses termos foram sintetizados por Edward Tylor, no vocábulo inglês *culture*, significando conhecimentos, crenças, arte, moral, enfim, as possibilidades de realização e aprendizado dos homens.

Já para Santos (2006), cultura relaciona-se ao estudo, formação escolar, manifestações culturais, comunicação, festas e cerimônias, lendas e crenças, modo de vestir, gastronomia. Segundo Santos (2006, p. 24), há duas concepções distintas de cultura: “a primeira dessas concepções preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade”. Já a segunda envolveria o conhecimento, ideias e crenças, assim como suas inter-relações na vida social.

Sobre a diversidade cultural brasileira, transcreve-se a seguinte citação: “[...] a população nacional foi constituída com contingentes originários de várias partes do mundo. Tudo isso se reflete no plano cultural” (SANTOS, 2006, p. 43). A cultura germânica, que contribuiu com a disseminação de eventos em formato de *Oktoberfest*, é uma cultura que também contribuiu na formação desse plano cultural.

Em relação ao termo festa, Ribeiro (2004, p. 48) diz que “as manifestações populares, sejam de cunho religioso ou não, possuem um caráter ideológico uma vez que comemorar é, antes de mais nada, conservar algo que ficou na memória coletiva”.

Também comenta Ribeiro (2004, p. 49) que “as festas populares expressam as formas identitárias de grupos locais, onde o motivo de encontro, de fé ou simplesmente de celebrar atrai e identifica devotos e indivíduos de mesma identidade”. Ribeiro (2004, p. 49) afirma ainda: “No caso específico das festas populares, sua realização forma a expressão simbólica mais fiel da vida social de uma comunidade”.

Para Rosa, Pimentel e Queirós (2002, p. 22), “a festa acontece, assim, em um universo político, sociocultural, econômico e simbólico. Ela concebe, sustenta e se alenta de todos esses elementos. Ela é memória, é tradição.”

Guarinello (2001) descreve festa conforme abaixo:

Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade (GUARINELLO, 2001, p. 972).

Mantendo relação com as definições anteriores, Oliveira e Calvente (2012, p. 83) dizem que festas “[...] podem relacionar-se ao lazer, às manifestações de cultura, aos momentos de socialização, às contribuições financeiras para quem as realiza, ao sentimento de pertencimento ao lugar e também como atrativo turístico”. Sobre a dinamicidade da festa, Oliveira e Calvente (2012) consideram tão dinâmicas quanto a própria cultura, sofrendo alterações com o tempo e o contexto.

As festas, por mais que muitas vezes sigam temáticas e inspirações semelhantes, guardam singularidades, distinções e características muito próprias, bem como propiciam interações entre culturas, e nesse sentido a citação seguinte é elucidativa:

[...] cada localidade possui sua singularidade como marca da diferenciação. E, assim, as festas podem propiciar o enriquecimento cultural por meio do contato entre diferentes realidades: sensações, experiências, ambientes e paisagens, ou seja, uma vivência diferente do habitual (OLIVEIRA; CALVENTE, 2012, p. 84).

As festas no formato *Oktoberfest* têm forte ligação com as tradições e com a cultura germânica e, por esse motivo, menciona-se o estudo de Flores (1997), que relata que a festa alemã é formada de movimento, em que há a recriação de elementos presentes na vida cotidiana, numa mistura do que é visível, perceptível e o que é imaginado, com imagens, representações, sonhos, tradições inventadas, espírito comunitário.

As festas, portanto, mais do que elementos de representação, de simbolismos, são formas de agregação, consagramento, de união e mistura de culturas, de troca de experiências. Dito isso, apresenta-se um modelo de festa iniciado há mais de 200 anos, oriunda da Alemanha: a *Oktoberfest*.

3 A OKTOBERFEST NO BRASIL E NO MUNDO

As origens da *Oktoberfest*, de acordo com Rodeghiero (2013), remontam ao ano de 1810, em Munique, na então Baviera (mais tarde território que passou a integrar a Alemanha), quando o príncipe Ludwig da Baviera casou com a princesa Therese Charlotte Louise Von Sachsen Hildburghausen, além do motivo adicional de “[...] enaltecer o sentimento nacional do Estado bávaro, que era independente como os demais, até a unificação alemã, concretizada somente em 1871” (RODEGHIERO, 2013, p. 30). A mesma autora destaca ainda:

A cada ano a festa bávara desenvolvia-se e era visitada por maior público. Ocorriam competições das sociedades de tiro, corridas de cavalo, apresentações teatrais, desfiles, exposições agropecuárias e premiações às melhores raças de animais. Ao final da década de 1810, surgem divertimentos voltados às crianças [...] (RODEGHIERO, 2013, p. 30).

Pfau (2018, p. 37) reforça as origens da *Oktoberfest* de Munique: “Surgiu no ano de 1810, no casamento do príncipe Luís I (Ludwig Karl Augusto von Wittelsbach, futuro rei da Baviera) com a Princesa Teresa da Saxônia (Therese de Saxe-Hildburghausen).” Pfau (2018) descreve que os moradores de Munique foram convidados para a festividade, que ocorreu junto aos portões da cidade; o local recebeu o nome de Theresienwiese, em homenagem à princesa, e até os dias atuais é o local da realização da *Oktoberfest* em Munique.

Afirma Pfau (2018) que foram as corridas de cavalos que reforçaram a festa como uma tradição e permaneceram como atração da *Oktoberfest* de Munique até 1960. O mesmo autor comenta que, em 1811, foi realizada uma feira agropecuária, que atualmente entra no calendário da *Oktoberfest* de Munique a cada quadriênio. Apesar do nome *Oktoberfest*, a festa, em Munique, inicia em fins de setembro, por conta das melhores condições climáticas. Pfau (2018) afirma que em 24 oportunidades, até 2018, por motivos de guerras ou doenças epidêmicas, a festividade deixou de ocorrer. Ainda em relação à história do evento, em 1840, a chegada das linhas férreas à cidade permitiu a participação de maior número de pessoas. A cerveja, que se tornou um elemento símbolo da festa alemã de Munique, obedece a uma receita tradicional, chamada *Reinheitsgebot*, como descreve Pfau (2018). Pfau (2018) menciona ainda diferenças das festas semelhantes que ocorrem no Brasil, já que “[...] a original se estende por diversos espaços (tendas) bancados por cada uma das cervejarias. Quem quiser beber, precisa estar dentro das tendas, e devidamente acomodado às grandes mesas” (PFAU, 2018, p. 40). Convém ainda lembrar dos desfiles com carroças, pessoas vestidas com trajes típicos, grupos folclóricos, carros alegóricos, que acabaram servindo de inspiração para as *Oktoberfests* promovidas em solo brasileiro, envolvendo, portanto, rememoração e memória.

Festas semelhantes foram promovidas em solo brasileiro desde a chegada dos primeiros imigrantes, especialmente por meio de atividades associativistas, como sociedades de canto, coral, ginástica, dentre outras. Assim, antes de adentrar na descrição de *Oktoberfests* realizadas no Brasil, é necessário contextualizar, mesmo que brevemente, algumas características da imigração alemã, já que este será um fator fundamental para a realização de eventos com referência à *Oktoberfest* de Munique, na Alemanha.

O primeiro aspecto a abordar relaciona-se ao termo “alemão” e suas variações, no que diz respeito a imigrantes e descendentes. Rodeghiero (2013), mencionando estudo de Rambo (2005), comenta que em boa parte do século 19, quando ocorreram ondas de imigração alemã para a América latina, inclusive o Brasil, a Alemanha – em termos de nação – como conhecemos atualmente, ainda não existia; prevalecia uma identidade comum, expressa principalmente no que foi chamado de “ordem alemã”. Essa “ordem” não tinha vínculos

políticos – jurídicos com os imigrantes, e era representada por uma tradição cultural comum. Rodeghiero (2013) ressalta que a “Alemanha” referida, daquela época, era uma série de ducados, condados, principados e outras forma de Estados semi autônomos.

Os primeiros registros de imigrantes alemães no Brasil remontam aos anos 1820 e 1830. Em busca de novas oportunidades, muitas pessoas partiram da Europa e outras partes do mundo, inclusive da Alemanha, para uma nação diferente. A chegada em terras brasileiras não foi livre de dificuldades, como se constata na seguinte afirmação de Ribeiro (2015, p. 320): “A primeira geração de imigrantes enfrentou a dura tarefa de subsistir enquanto abriam clareiras na mata selvagem [...]”.

Ribeiro (2015) diz também que os primeiros imigrantes criaram núcleos numa sociedade muito diferente e isso contribuiu para formação das próprias vidas num modo muito similar ao país de origem, com tradições, ensino e religião, salientando-se ainda o domínio tardio do idioma português. Ribeiro (2015) menciona a formação de “ilhas de população gringa” nos centros dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e áreas de Estados vizinhos.

Wolff e Flores (1994) comentam que “na bagagem” os imigrantes trouxeram hábitos e costumes de suas regiões de origem e, com a chegada às terras brasileiras, houve uma adaptação desses elementos, “[...] mesclando elementos trazidos no processo de imigração a elementos aprendidos com as populações preexistentes na região colonizada e a novas criações” (WOLFF; FLORES, 1994, p. 212). Reforçam ainda que em festas de cunho germânico, no Vale do Itajaí, Estado de Santa Catarina, sobressaem elementos de identificação étnica, que são ao mesmo tempo fatores de diferenciação e de reforço a preconceitos e estereótipos entre diferentes etnias.

A imigração alemã no Brasil também se caracterizou, como já mencionado, por uma organização social fortemente amparada no associativismo. Flores (1997) destaca que esse caráter associativista dos imigrantes permitiu que núcleos coloniais se desenvolvessem, citando trechos de publicações sobre o centenário da fundação da cidade de Blumenau (SC):

[...] depois de feita a primeira derrubada na mata virgem, para transformá-la na terra produtiva que é hoje, os colonos se reuniam formando sociedades e associações nas quais cultivavam o ideal comum da vida social, cultural e econômica [...] (FLORES, 1997, p. 39).

Roche (1969), em um profundo estudo sobre a colonização alemã no RS, traz elementos relacionados ao tema “comemorações”, tratando das tradições familiares que envolviam, por exemplo, nascimento, bodas e enterro; também haviam as tradições religiosas,

especialmente envolvendo as datas do Natal e Páscoa. Originário de tradições religiosas está o *Kerb*, festa popular que, com adaptações, chegou aos momentos atuais e inspirou a criação de uma série de eventos. Nos *Kerbs* são tradicionais os cultos ou missas solenes, a gastronomia farta, bailes e festividades, especialmente envolvendo música e dança. Roche (1969) comenta sobre o aparecimento de sociedades, algumas com temática mais esportiva, outras, de canto e divertimento. Também as sociedades auxiliaram na manutenção de costumes ligados às origens germânicas.

Mesmo sendo um estudo mais antigo, Willems (1980) apresenta algumas importantes contribuições, como a transcrita a seguir:

Às funções que a recreação exerce em qualquer parte, veio acrescentar-se uma outra que na cultura teuto-brasileira talvez não seja menos importante do que a primeira: a perpetuação do patrimônio cultural dos imigrantes e seus descendentes exigiu que se compensasse o insulamento por uma forma de sociabilidade intermitente, mas intensa (WILLEMS, 1980, p. 405).

Também menciona Willems (1980, p. 409) que “muitas formas recreativas perpetuadas pelos imigrantes alemães foram aceitas também por outros grupos étnicos com que se estabeleceram contatos no mesmo nível social”. Willems (1980) enfatiza que a vida recreativa dos teuto-brasileiros era marcada por uma quantidade de elementos novos que substituíram antigas formas de expressão e simbolismo, porém, muitas vezes, sobressaíram-se aos elementos tradicionais.

Citando-se novamente Flores (1997), destaca-se a característica mutável da cultura e festa germânica, como se percebe na seguinte citação:

Da mesma forma que a cultura, a festa germânica é uma obra em movimento. Como num romance ou num poema, há um trabalho de re-criação de elementos constitutivos da vida cotidiana, difusos entre o que é visível, palpável, e o que é imaginário, criado de imagens, representações, sonhos, histórias, tradições, ‘tradições inventadas’, espírito de comunidade, de passado comum (FLORES, 1997, p. 31).

Percebe-se, portanto, que a vida recreativa e social, em comunidades em que há presença de elementos étnicos ligados à etnia alemã, foi bastante intensa e numa considerável linha de tempo, adaptando-se com o passar do tempo, seja pela rememoração, seja pela adaptação ou sensação de pertencimento e identidade, com simbologias comuns e capazes de agregar grupos de pessoas.

A partir da contextualização sobre imigração alemã no Brasil, é possível descrever a introdução de eventos com referência na *Oktoberfest* de Munique, considerada a primeira do

gênero. Assim, a primeira *Oktoberfest* realizada no Brasil surgiu em função de uma associação recreativa, como a seguir descrito.

É o caso, por exemplo, da criação, em 1867, da *Deutscher Turnverein* – Sociedade Alemã de Ginástica, em Porto Alegre, RS, mais tarde denominada Sociedade Ginástica de Porto Alegre - SOGIPA, conforme relatado por Rodeghiero (2013). A firma Rodeghiero (2013, p. 24): “[...] a relação de pertencimento a um grupo social e as amizades firmadas entre os imigrantes alemães que se estabeleceram na cidade proporcionaram o crescimento da instituição”. Pertencimento relacionado a uma identificação de identidade coletiva, termo que será melhor explorado posteriormente.

Por volta de 1903, na *Deutscher Turnverein*, conforme relata Rodeghiero (2013, p. 28):

[...] foi fundado como associação independente o grupo Die Haberer, pelo bávaro Schlatter e outros nove imigrantes, com o objetivo de culturas as tradições germânicas, com suas manifestações folclóricas nas danças, nas canções populares, atuação no teatro amador, além da gastronomia típica.

Essa citação é importante, porque, por meio desse grupo (Die Haberer), idealizou-se a realização de uma festividade nos moldes da *Oktoberfest* de Munique, cujo centenário havia ocorrido em 1910. Rodeghiero (2013) menciona que aconteceu então, em 1911, a primeira *Oktoberfest* em solo brasileiro.

Durante anos, a *Oktoberfest* da SOGIPA ocorreu no Parque São João, mas em 1969, foi realizada a última edição da *Oktoberfest*, motivada especialmente, como relata Rodeghiero (2013, p. 34) pelo “[...] desaparecimento dos mais antigos e a indiferença dos descendentes [...]”. Na década de 1980, são retomadas as festividades da *Oktoberfest* da SOGIPA. Sobre esse fato, convém destacar:

A reformulação da *Oktoberfest*, do início da década de 1980, veio com essa intenção de continuar a agregar as pessoas, a partir da preservação de tradições inerentes aos bávaros, tão presentes na culinária, nas danças e trajes típicos, na música e na memória afetiva de gerações, em seu sentido mais coletivo (RODEGHIERO, 2013, p. 36).

O pioneirismo da SOGIPA, em 1911, realizando a primeira *Oktoberfest* em solo brasileiro, inspirou outros municípios brasileiros, como Blumenau, Igrejinha e Santa Cruz do Sul, como descreve Rodeghiero (2013, p. 38):

Portanto, a *Oktoberfest* da SOGIPA foi uma referência para outras regiões realizarem suas festas em diversas cidades de colonização germânica no Brasil, há quase trinta anos, por ter firmado a origem dessa comemoração no país, no distante ano de 1911.

A iniciativa de diferentes cidades, especialmente na região Sul do Brasil (Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), de promover festas com temáticas ligadas à cultura germânica foi consequência, em muitos casos, de iniciativas de empresários, líderes de entidades setoriais – ligadas ao turismo, ao comércio e ao desenvolvimento, e levando também em conta a combinação com a promoção do turismo. Flores (1997) se debruçou sobre festas de origem germânica no Estado de Santa Catarina. A referência ao passado, a “tradição inventada”, foi o pretexto para a realização de festividades, que integravam e ainda integram cultura, turismo e celebração. Diz Flores (1997, p.13):

Numa profusão de ícones, imagens e representações, feitos de gestos, falas, semblantes, sons, cores, idiomas, sabores, fantasias, atos, atitudes e crenças, imaginários novos foram criados e imaginários antigos foram recriados para um tempo novo.

Há uma tentativa de criar autenticidade nessas rememorações festivas que envolvem a cultura germânica, estimulando memórias e lembranças das antigas festas da colônia, como apresenta Flores (1997). A respeito, tal afirmação é reforçada pela seguinte consideração: “Lidando-se com a plasticidade da cultura, sua performance atual homogeneiza os tempos, criando a aparência presente como se fosse estruturas formais autenticamente originais, numa continuidade com o passado” (FLORES, 1997, p. 36). Assemelha-se à apresentação de um passado seletivo, quando conflitos e contradições são minimizados, e são apresentadas históricas mitificadas, seletivas, como comenta Flores (1997). Esses conflitos e histórias, por vezes seletivas, talvez justifiquem alguns estereótipos que giram em torno da imigração alemã, especialmente no que tange à relação com o trabalho (o trabalho dos imigrantes “aparenta” ser mais dedicado, ou o “sucesso” dos imigrantes alemães se dá em função de muito trabalho, o que não é uma exclusividade desta etnia, mas uma realidade de várias outras).

Complementando as referências à obra de Flores (1997), Rosa, Pimentel e Queirós (2002) abordam os temas festa, lazer e cultura, fazendo menção à *Oktoberfest* de Marechal Cândido Rondon, no Paraná. Afirmam os autores que, desde 1970, proliferaram eventos e festividades no Sul do Brasil, normalmente por iniciativa ou com apoio de administrações públicas, instituições sociais e comunidades, cujo tema principal girava em torno da rememoração cultural, do folclore e tradições dos imigrantes. Ao objetivo de rememoração, somaram-se os objetivos envolvendo lazer e turismo. Rosa, Pimentel e Queirós (2002) reforçam que a promoção de eventos com temáticas de rememoração serve também para

fortalecer e divulgar a imagem dos municípios, além de terem embutidas a intenção de atração de investimento e capitais.

Dessa forma, grande parte das festas com temática alemã surgiu de uma combinação entre rememoração de cultura, espaço e tempo de lazer, e desenvolvimento econômico.

Por sua vez, Amaral (1998) considera que o modelo de *Oktoberfest* assemelha-se ao conceito de Carnaval, por ter elementos característicos em comum, tais como desfiles, carros alegóricos, representações.

Exposto o contexto a respeito da criação de festas temáticas relacionadas à cultura alemã, identifica-se o início de eventos em diferentes regiões do Brasil, seguindo os moldes da “Oktoberfest de Munique”, como nas cidades de Blumenau/SC, Santa Cruz do Sul/RS e Igrejinha/RS, por exemplo.

Em Blumenau, no ano de 1984, inicia-se a realização de festa temática em estilo *Oktoberfest*, conforme Pfau (2018). A festa blumenauense era um desejo recorrente à época, e um acontecimento climatológico – uma enchente – serviu como incentivador da realização: com o “discurso” de reconstrução da cidade, invocando, como diz Amaral (1998, p. 96) “[...] o mesmo espírito de luta e de coragem que imbuíra seus antepassados que ergueram Blumenau.” No ano de 2023 realizou-se a 38ª edição da *Oktoberfest* de Blumenau.

Também em 1984, surgia a *Oktoberfest* de Santa Cruz do Sul, onde o propósito principal, tal qual um padrão que parece “conduzir” a criação de festas com cunho étnico, era a celebração da herança cultural, no caso, a alemã, como relatado em material informativo da 26ª edição da *Oktoberfest* de Santa Cruz do Sul, de 2010.

Em Igrejinha, no Vale do Paranhana, a *Oktoberfest* surgiu em 1988, com o princípio inicial de rememoração da cultura alemã. Posteriormente, foram agregados os princípios da solidariedade, da transparência, da responsabilidade social, da diversão e do voluntariado como balizadores da *Oktoberfest* de Igrejinha. Como fatos importantes desta *Oktoberfest* em específico, destaca-se a criação, em 1994, da Associação de Amigos da *Oktoberfest* de Igrejinha – AMIFEST. Até 2023 foram realizadas 34 edições do evento em Igrejinha, destacando-se que a *Oktoberfest* de Igrejinha reforça a participação voluntária (cerca de 3.000 pessoas em 2022) e também a o grande montante de recursos que foram devolvidos para a comunidade regional (cerca de R\$ 23.000.000,00), considerando repasses desde a primeira edição em 1988. A *Oktoberfest* de Igrejinha já foi premiada no Prêmio Líderes & Vencedores, promovido pela Federação das Entidades Empresariais do RS (FEDERASUL) e Assembleia Legislativa do RS, em 2016; também recebeu o prêmio Top de Marketing – Desenvolvimento Social, promovido pela Associação dos Dirigentes de Marketing e Vendas do Brasil (ADVB

– RS), em 2018; e por fim, a cidade de Igrejinha foi intitulada Capital Estadual do Voluntariado em 2019.

Apresentadas as origens da *Oktoberfest* e história, será abordada a ligação de identidade e memória a essa modalidade de festa temática.

4 OKTOBERFEST: IDENTIDADE E MEMÓRIA

Nos detalhamentos sobre a realização de eventos em formato *Oktoberfest*, no Brasil, ficam evidentes as referências em relação ao evento original, a *Oktoberfest* de Munique, na Alemanha, bem como outros elementos características da etnia germânica.

Torna-se nítido que as *Oktoberfests* trazem consigo elementos de rememoração, de memória, de caracterização étnica e de identidades, inclusive no sentido de coletividade. Assim, é imprescindível detalhar elementos teóricos que versem sobre identidade e memória. Um dos conceitos a serem apresentados sobre identidade é o seguinte:

A filosofia contemporânea – principalmente a fenomenologia – tem tratado essa questão como o fundamento do ser: a identidade é o que permite ao sujeito tomar consciência de sua existência, o que se dá através da tomada de consciência de seu corpo (um estar aí no espaço e no tempo), de seu saber (seus conhecimentos sobre o mundo), de seus julgamentos (suas crenças), de suas ações (seu poder fazer). A identidade implica, então, na tomada de consciência de si mesmo. Mas para que ocorra a tomada de consciência, é necessário que haja diferença, a diferença em relação a um outro (CHARAUDEAU, 2009, p. 309).

Nessa mesma linha, explana Charaudeau (2009, p. 309), “uma vez percebida a diferença, desencadeia-se no sujeito um duplo processo de atração e de rejeição em relação ao outro”.

Charaudeau (2015) levanta algumas questões relacionadas à questão identitária e comenta sobre a dificuldade em responder, por exemplo, se a identidade é social ou coletiva. Charaudeau (2015, p. 14) afirma que “[...] todo indivíduo é um ser social pelo fato de viver em sociedade”. Complementa-se com a afirmação de que “[...] não há ato que realizemos, nem pensamento que exprimamos que não contenha o traço de nosso pertencimento à coletividade” (CHARAUDEAU, 2015, p. 15). Para que não ocorra uma anarquia descontrolada, o linguista indica que todo ser individual obriga-se a elaborar com outros membros do grupo normas de comportamento social e o respeito a essas normas. Em relação às pesquisas desenvolvidas para este artigo, sobressam as características de festa coletiva das *Oktoberfests*, possibilitando rememoração e integração em torno de símbolos comuns, que fortalecem o sentimento de coletividade e fortalecem memórias, assim como possibilitam a criação de novas.

Em seu artigo “Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal”, Charaudeau (2015, p. 13) aborda a importância da linguagem, em todas as suas formas, afirmando que essa encontra-se no centro da construção, seja individual ou coletiva, do sujeito. Essa construção, afirma o linguista, acontece em três domínios da atividade humana, que seriam: a socialização dos indivíduos, porque a linguagem promove a relação de si com o outro e cria o elo social; o pensamento, buscando no mundo a realidade empírica e fazendo-a significar; e por fim os valores. A linguagem, importante ressaltar, envolve diferentes meios de expressão: ela não é apenas a fala, mas pode ser também o visual.

Na mesma obra, existe um questionamento que trata sobre a origem da identidade cultural, seguido da ideia de que essa identidade viria dos primórdios e que integraria um processo de reencontro, redescoberta, de reconquista. Charaudeau (2015) diz que individualmente ou em grupo há um direcionamento do indivíduo ou de grupos em direção a esse reencontro, em direção ao “paraíso perdido”. Indica uma busca por autenticidade, que pode estar relacionada ao território, à língua, às relações étnicas. Valorização de elementos da etnia alemã são comuns em eventos como *Oktoberfests*, mesmo que por meio das chamadas tradições inventadas. Sobre tradição inventada, Flores (1997, p. 35), descreve como:

Inventar tradições significa criar rituais e regras que busquem traçar uma continuidade com o passado, criando uma memória que funciona como um estoque de lembranças. Nem tudo o que a “tradição inventada” abarca é realmente passado; várias de suas manifestações são recentes, mas surgem para as pessoas como algo há muito existente (FLORES, 1997, p. 35).

Charaudeau (2015) menciona que há uma dualidade na construção identitária, na medida em que o indivíduo busca a singularidade, ser único, ao mesmo tempo que deseja pertencer coletivamente. O encontro de si com o outro ocorre por meio de ações e de julgamentos sobre a legitimidade de tais ações, próprias ou de outros, ou seja, por meio de representações. Essas representações manifestam imaginários coletivos, que são muitos, mas Charaudeau apresenta três: imaginários antropológicos, imaginários de crença e imaginários socioinstitucionais.

Quanto aos *imaginários antropológicos*, neles se incluem os imaginários relacionados ao espaço (territorialidade, movimento, referenciais); ao tempo (relações entre passado, presente e futuro); ao corpo e aos rituais sociais. Ligados aos *imaginários de crença*, citam-se os pertencentes à história e à linhagem (valores, simbolismos, heranças históricas, sistemas de valores a transmitir) e os relacionados às crenças religiosas. Por fim, o imaginário socioinstitucional é quase que autodescritivo, ligado à organização da vida em sociedade. Do

entrecruzamento desses diferentes imaginários resulta a identidade coletiva e, de forma mais particular, das identidades nacionais, regionais, comunitárias ou supranacionais. As *Oktoberfest* reúnem não apenas indivíduos ligados propriamente à etnia alemã, mas também pessoas de outras etnias, turistas e especialmente pessoas que se identificam com o tema, seja por afinidade ou até mesmo curiosidade.

Por sua vez, Pollak (1992, p. 5) diz que “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”. O detalhamento sobre identidade apresentado por Pollak (1992) tem semelhanças com os estudos de Charaudeau (2015), na medida que afirma que “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” (POLLAK, 1992, p. 5).

Quando aborda a *Oktoberfest* de Blumenau, no Estado de Santa Catarina, Flores (1997) relaciona, mesmo que indiretamente, linguagem e signos. A autora comenta sobre as percepções entre o real e o ficcional, sobre representações, dando muitas vezes ao “artificial” a legitimidade do “real”. “O passado, a história, a cultura, são restaurados” (FLORES, 1997, p. 21).

Guarinello (2001), por sua vez, que afirma que as festas produzem identidades, promovem aproximações e, ao mesmo tempo, distanciamentos, alteridades, traçam “fronteiras”. Complementa Guarinello (2001) dizendo que a festa não é homogênea nem uniforme. “A festa não apaga as diferenças, mas antes une os diferentes”, diz Guarinello (2001, p. 973). O sentimento de coletividade, portanto, não significa necessariamente “pertencer” a um determinado grupo, mas participar, interagir, com outros indivíduos.

Em relação à memória, comenta Pollak (1992) que pode ser entendida como um fenômeno coletivo e social, sujeito a transformações e mudanças; cita elementos constitutivos da memória, quais sejam: acontecimentos vividos pessoalmente; acontecimentos vividos por “tabela”, que são acontecimentos vividos pelo grupo, pela coletividade, no qual o indivíduo esteja inserido.

Em se tratando de acontecimentos vividos por “tabela”, cita-se:

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou grupo. (POLLAK, 1992, p. 202).

Pollak (1992) afirma também que a memória é constituída de pessoas, personagens, que podem de fato terem sido encontradas em algum momento da vida, ou percebidas por “tabela”, e ainda não terem pertencido ao espaço-tempo da pessoa. Existem ainda os lugares de memória, ligados à lembrança e sem obedecer necessariamente a um tempo cronológico. Ainda sobre esses locais de memória, afirma Pollak (1992), são espaços de apoio para as memórias, lugares de comemoração. Uma citação importante de Pollak diz o seguinte:

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos (POLLAK, 1992, p. 213).

Uma característica das *Oktoberfests* é a utilização de espaços normalmente decorados ou com elementos que rememoram a cultura alemã, seja utilizando-se da arquitetura característica, de símbolos, de palavras em idioma alemão. Esses espaços propiciam a rememoração, a criação de novas memórias e também a celebração das identidades, sejam elas individuais ou coletivas. Pelo conjunto de elementos, especialmente os simbólicos, propiciam esse ambiente de celebração, de integração de características comuns.

Para aprofundar detalhes a respeito do termo “memória”, recorre-se às definições de Le Goff (2003, p. 419):

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Importante ainda transcrever o seguinte trecho de Le Goff (2003, p. 421-422), que diz:

Leroi-Gourhan considera a memória em sentido lato e distingue três tipos de memória: memória específica, memória étnica e memória artificial: Memória é entendida, nesta obra, em sentido muito lato. Não é uma propriedade de inteligência, mas a base, seja ela qual for, sobre a qual se inscrevem as concatenações de atos. Podemos a este título falar de uma ‘memória específica’ para definir a fixação dos comportamentos de espécies animais, de uma memória ‘étnica’ que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas e, no mesmo sentido, de uma memória ‘artificial’, eletrônica em sua forma mais recente, que assegura, sem recurso ao instinto ou à reflexão, a reprodução de atos mecânicos encadeados.

Eventos no formato *Oktoberfest*, bem como outras festas com temáticas étnicas, permitem a celebração de símbolos ligados à cultura alemã, proporcionado ainda à coletividade o sentimento de pertencimento, umas das características das identidades coletivas, anteriormente descritas. As comemorações com elementos da cultura germânica, tais como são as *Oktoberfests*, são momento de rememoração, e memória; também se relacionam às identidades, pois, muitas vezes, as rememorações são indutoras de eventos, que,

novamente citando, reforçam identidades, estreitam laços e até mesmo promovem a integração e interação entre diferentes. As tradições inventadas, tão comumente utilizadas em eventos temáticos, são forma de reaproximação com memórias e fatos passados, mesmo que com adaptações, mas que permitem essa ligação entre o passado e o presente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver pesquisas sobre eventos como a *Oktoberfest*, invariavelmente, os resultados estarão ligados à coletividade. Diferentes definições sobre o termo festa envolvem elementos como memória coletiva, formas identitárias de grupos locais, expressão simbólica da vida social de uma comunidade, dentre outros. As festas, desde tempos remotos, contribuem para a eliminação de distância entre indivíduos, para o fortalecimento de identidades e simbolismos, para a rememoração mas também para criação de novas memórias.

Baseando-se nas definições apresentadas, percebe-se que festas, e nisso incluem-se as *Oktoberfests*, são marcadas pela pluralidade, tendo origem ou envolvendo comemorações, ações e atividades ligadas a etnia e rememoração da cultura alemã. A primeira *Oktoberfest* ocorreu em Munique, então Baviera, quando a nação alemã ainda não estava unificada e constituída nos moldes atuais; em outros países, especialmente por conta da imigração alemã e pela “necessidade” ou intenção de rememorar a cultura alemã, inspirou a criação de diversos eventos. No Brasil, com grande concentração na região Sul, onde a imigração alemã tem forte presença, incorporou-se ao cotidiano festivo, mas também ocorrendo em regiões como Centro-Oeste e Nordeste. Adaptações e mudanças ocorrem, tornando a *Oktoberfest* tão dinâmica quanto a própria cultura, em contraponto de algumas definições antigas que tratavam a cultura como algo estanque, inato. Festas não são acontecimentos estáticos: intercalam inovação e tradição. Em muitos casos, a realização de *Oktoberfests* é formada de movimento, de recriação de elementos, de imaginário e simbolismo.

Mesmo realizadas em diferentes locais e regiões geográficas brasileiras, eventos em formato *Oktoberfest* guardam particularidades entre si. Existem diferenças, mas igualmente um considerável número de semelhanças, como a rememoração, o espírito de festividade e identificação coletiva, a socialização, o uso de simbolismos que promovem identificação e sentimentos de pertencimento. Importante frisar as possibilidades de interação com outras culturas, e as possibilidades de enriquecimento cultural proveniente destas trocas. As manifestações culturais, e as próprias *Oktoberfests* realizadas em diferentes locais, servem para marcar singularidades muito próprias das comunidades onde estão inseridas.

Em muitos momentos, a questão da memória e da identidade esteve muito presente neste estudo, justamente porque festas guardam essa característica de mobilizar identidades, individuais e coletivas. Os símbolos compartilhados nos eventos possibilitam a junção de expectativas, a rememoração ou criação de memórias coletivas e o fortalecimento de identidades.

Nossas próprias lembranças e memórias envolvem a coletividade, no sentido de que muitas destas lembranças são apresentadas a nós por outras pessoas; também, o fato de muitos acontecimentos ocorrerem “por tabela”, trazem o compartilhamento de outras pessoas, de outras épocas.

Os elementos característicos da cultura alemã serviram, em terras brasileiras, como um elemento de agregação, de memória, de associação cultural, comercial, de ensino e religiosa. Mesmo com adaptações, com tradições inventadas, a cultura alemã encontrou espaço em terras brasileiras e serviu de pretexto para a criação de muitas festas e ações, ligadas à etnia e cultura alemã, como sociedades de canto, grupos de bolão, ternos de atiradores, bailes de *Kerb*, *Oktoberfests*. Novamente, o espírito de associação e de reunião de pessoas mostrou-se presente e ativo.

Uma pesquisa indica que a primeira *Oktoberfest* em solo brasileiro originou-se na *Deutscher Turnverein* – Sociedade Alemã de Ginástica, posteriormente denominada Sociedade Ginástica de Porto Alegre – SOGIPA e ocorreu a partir de 1911. Assim, a partir da década de 1980, proliferaram-se pelo Brasil - mas concentrados em maior número nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul - eventos no formato *Oktoberfest* e inspirados, de certa forma, na festa original de Munique. As *Oktoberfests* são manifestações culturais, mas também são produtos de fomento ao turismo, porque as promoções de eventos com temáticas relacionadas a rememoração servem para fortalecimento e divulgação das imagens dos municípios, atuando ainda como agentes de integração da comunidade e formação de identidades coletivas nas comunidades.

É fato que existem outros eventos inspirados ou elaborados em torno da rememoração da cultura alemã, como festas típicas, eventos municipais que adotem alguma temática alemã, os bailes de *Kerb*, dentre outros. Mas a opção por desenvolver pesquisa especificamente sobre a *Oktoberfest* é justificada por pontos bem específicos, como por exemplo, a inspiração que a *Oktoberfest* de Munique teve em eventos semelhantes em escala mundial, inclusive no Brasil. Também o porte e a periodicidade que *Oktoberfests* atingiram no Brasil, demonstra a importância deste tipo de evento. Cabe salientar, por fim, que existe ainda um amplo campo

de pesquisas a desenvolver, com possibilidades na linha de história, manifestações culturais, inclusão, e aprimoramento de estudos sobre identidade.

Tradições e elementos da cultura germânica “cruzaram” o Atlântico com os imigrantes, contribuindo de diferentes maneiras na formação da cultura brasileira. Na Europa, onde fica a Alemanha, o lema oficial da União Europeia (UE) é “unida na diversidade”. De forma metafórica, talvez a mesma frase caberia para uso no Brasil, ao considerar pesquisas envolvendo a cultura alemã e *Oktoberfest*, justamente pela multiplicidade de possibilidades existentes.

Passados mais de 200 anos da realização da primeira Oktoberfest, ainda no Velho Continente, a festa continua pulsante, dinamizando-se e perpetuando-se como um evento de rememoração, de promoção e desenvolvimento local, de caracterização local, tornando-se um movimento global, mas adaptado aos locais onde realiza-se. Fortalecendo, sobretudo, a cultura e suas interrelações, as memórias passadas ou novas, e as identidades, fator determinante de cada indivíduo, mas também da coletividade, dos símbolos e das aspirações partilhadas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**: significados do festejar, no país que não é sério. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia. 1998.

CHARAUDEAU, P. **Identidade linguística, identidade cultural**: uma relação paradoxal. *In*: BARROS, Diana Pessoa; LARA, Gláucia Proença; LIMBERT, Rita Pacheco (org.). **Discurso e (dês)igualdade social**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 13-31.

CHARAUDEAU, Patrick. **Identidade social e identidade discursiva**: o fundamento da competência comunicacional. 2009. *In*: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 309-326, 2009.

ESTATUTOS SOCIAIS DA AMIFEST – Associação dos Amigos da Oktoberfest de Igrejinha. Igrejinha, 1 dez. 2018.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Oktoberfest**: Turismo, Festa e Cultura na Estação do Chopp. Florianópolis, Livraria e Editora Obra Jurídica Ltda, 1997.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. *In*: **Festa**: cultura e sociabilidade na América Portuguesa, Volume II. István Jancsó, Iris Kantor (orgs.). São Paulo: Hucitec; Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP; Imprensa Oficial; 2001.

JARDIM, Marco. A história da Oktoberfest de Santa Cruz do Sul. Gráfica Garten Sul: 1.000 exemplares, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5222256-A-historia-da-oktoberfest-santa-cruz-do-sul-rs-numeros.html>. Acesso em 07 jun. 2022.

KAISER, Douglas Márcio Kaiser. A Oktoberfest de Igrejinha e a percepção sobre qualidade de vida na comunidade local. Universidade FEEVALE. Mestrado em Processos e Manifestações Culturais. Novo Hamburgo, RS: 2022.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2001.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

OKTOBERFEST DE IGREJINHA. Disponível em <https://www.oktoberfest.org.br/>. Acesso em 02 maio 2021.

OLIVEIRA, Alini Nunes de; CALVENTE, Maria Del Carmen Huertas. As múltiplas funções das festas no espaço geográfico. Interações, Campo Grande, v.13, n. 1, p. 81-92, jan. / jun., 2012.

PFAU, José Geraldo Reis. **Oktoberfest de Blumenau**. Blumenau: PFAU Comunicação, 2018.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIRÓS, Ilse Lorena Von Borstel Galvão de. **A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon, Paraná**: um estudo sobre o significado do lazer entre descendentes de alemães. Universidade Estadual de Campinas. Mestrado em Educação Física. Campinas, SP: 1999.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 3 ed. São Paulo, Global, 2015.

RIBEIRO, Marcelo. **Festas populares e turismo cultural: inserir e valorizar ou esquecer?** O caso dos Moçambiques de Osório, Rio Grande do Sul. Pasos – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. v. 2, n. 1, p. 47-56, 2004.

ROCHE, Jean. A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul. Vol II. Porto Alegre: Globo, 1969.

RODEGHIERO, Luzia Costa. **Centenário da Oktoberfest da SOGIPA**: Edição Comemorativa Trilíngue – década de 1910 a 2011. Porto Alegre: SOGIPA, 2013.

ROSA, Maria Cristina; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis; QUEIRÓS, Ilse Lorena Von Borstel Galvão de. **Festa, lazer e cultura**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

SANTOS, José Luiz dos Santos. O que é cultura? São Paulo, SP: Brasiliense, 2006.

SEYFERTH, Giralda. **A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica**. In: Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história. Cláudia Mauch e Naira Vasconcellos. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

UNIÃO Europeia. A divisa da UE. Disponível em https://european-union.europa.eu/principles-countries-history/symbols/eu-motto_pt. Acesso em 21 nov 2023.

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil:** estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. 2 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

WOLFF, Cristina Scheibe; FLORES, Maria Bernardete Ramos. **A Oktoberfest de Blumenau:** turismo e identidade étnica na invenção e uma tradição. In Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história. Cláudia Mauch e Naira Vasconcellos. Canoas, Ed. ULBRA, 1994.